

Um menino sem lar.
Uma mulher determinada a ajudar.
E uma pilha de desenhos

REPORTAGEM ESPECIAL

UNIDOS PELA VIDA

POR ANDREA ISRAEL

que mudaram suas vidas.

A

S BRILHANTES LÂMPADAS fluorescentes ocultam a hora do dia no Reliant Center de Houston, no meio dessa manhã de terça-feira, 6 de setembro de 2005, oito dias depois de o furacão Katrina devastar Nova Orleans. Como parte do complexo do Astrodome, que já abrigou eventos esportivos e rodeios, o centro agora é um mar de camas improvisadas para oito mil refugiados arrasados pelo Katrina.

No meio de uma multidão de desalojados, Ashley Bryan move sua cadeira de rodas, chamando os mais jovens para se juntar a ela, oferecendo chocolates pelo caminho, com um sorriso acolhedor. “Vocês gostam de desenhar? Então, venham comigo! Nós temos papel, lápis de cor, canetinhas...”

Ashley e três outras mães criaram o Projeto das Crianças do Katrina, um programa de arte para as crianças. O lema delas: “Esperança e um lápis de cor.” Esperança é algo que Ashley conhece bem. Dia após dia, é o que lhe dá disposição para lutar contra a dor violenta nos músculos, resultado da distrofia muscular que a afetou quase 15 anos atrás. A doença virou sua vida de cabeça para baixo – e faz com que essa mulher antes atlética passe mais dias do que gostaria presa a uma cadeira de rodas.

Ashley conduz cinco das crianças mais novas em direção à bancada de arte. Elas a seguem em fila, soltando risinhos. Chamada de “a flautista do Reliant Center”, Ashley diz que é o chocolate que atrai as crianças. Mas os amigos sabem que seu sorriso radiante e sua gargalhada é que fazem isso. O entusiasmo de Ashley estimula um menino magro e tímido, apesar de hesitante, a aproximar-se dela.

– O que é que vocês estão fazendo? – pergunta ele.

Fala baixinho, olhando para o chão. Ashley nota o único brinco do garoto e os ombros ossudos acima das alças de uma camiseta branca. Ele veste um calção comprido que vai abaixo dos joelhos – grande e largo –, sem dúvida algo que lhe fora entregue da pilha de doações.

– Estamos fazendo desenhos – responde ela. – Você sabe desenhar?

O menino logo se gaba:

– Claro que sei! Quer ver?

Ele olha diretamente nos olhos de Ashley.

– OK! Então, qual é o seu nome? – ela pergunta, percebendo a tristeza nos olhos do menino, enquanto ele desvia o olhar.

– Donald – responde num sussurro.

Donald comparece à bancada de arte de novo na quarta-feira e entrega a Ashley um desenho.

– Meu Deus! – ela se surpreende. – Você sabe mesmo desenhar!

Suas ilustrações são complexas e sofisticadas – desenhos de trens, caminhões e helicópteros –, tão profissionais quanto as de qualquer livro ou revista. Grupos se reúnem para observar Donald em ação.

Mas, diferentemente das outras crianças, que desenhavam os horrores que vivenciaram ao escapar de seus lares inundados, Donald se recusa a revelar qualquer informação pessoal. Ele usa a arte para evitar o assunto. Só com o decorrer das horas e depois de descobrir que Ashley tem acesso aos computadores, ele pousa o lápis, olha para ela e diz: “Você me ajudaria a procurar minha mãe? O nome dela é Troy Expose.” E informa a Ashley a data de nascimento e o endereço da mãe.

Projeto das Crianças do Katrina: Ashley ajuda Donald e outras crianças desabrigadas a se expressarem pela arte.



Ashley diz que sim, e essa é uma promessa cheia de possíveis sofrimentos. Antes do Projeto das Crianças do Katrina, Ashley passava os dias trabalhando como voluntária na sala dos computadores, procurando informações sobre as pessoas desaparecidas desde o furacão. A maioria delas nunca foi encontrada. Donald – ela logo descobriria – morava no ponto mais crítico da inundação, apenas a alguns quarteirões de onde o dique se rompeu.

Quando já está saindo, Ashley percebe que Donald rói o dedo indicador, que já está em carne viva. “Não faça isso!”, alerta a voluntária. Trata-se de um tique nervoso, que se agrava a cada dia que passa.

NAQUELA NOITE, Ashley dirige de volta para casa, passando pelos imponentes carvalhos que sombreiam as ruas do afastado bairro onde mora. Estaciona na garagem da casa da família, um prédio reformado, da década de 1930 – um mundo à parte do caos onde havia pouco deixara Donald.

Enquanto sobe a rampa em direção à porta da frente, Ashley pode ver *Henri*, seu cãozinho, procurando por ela junto à janela da cozinha. O marido, Steven, está esperando à porta. Ele a envolve nos braços e a beija. Nada é dito, mas Ashley pode ver que Steven está preocupado. Ela não quer outro sermão sobre como se cuidar, e se apressa a colocar na cama a filha de 5 anos.

“Você parece exausta”, comenta Steven, quando finalmente eles têm um momento juntos e ela acabou de lhe contar sobre Donald. O tom de voz dele expressa em parte compaixão, em parte frustração. Ashley sente dor, é óbvio, por causa da postura. Mas Steven sabe que não há como parar sua mulher, depois de ela já ter se envolvido, mesmo quando a própria saúde está em jogo.

Ele lembra a Ashley que os médicos a alertaram repetidas vezes para que poupasse sua energia. E enumera a lista de motivos pelos quais precisa ser cuidadosa, dos quais o mais importante é a filha. Foi contra todas as probabilidades que eles conseguiram ter Audrey, a espoleta de olhos brilhantes que traz alegria a todos os dias da vida de Ashley. Ser mãe e cuidar de si mesma são as únicas coisas em que ela precisa se concentrar nesse momento, Steven lhe diz. Então, certo de ter usado um argumento convincente, vira-se e lhe estende a mão: “Venha para a cama.”

Mas Ashley não consegue descansar. Ela fez uma promessa que tem de

cumprir. Liga o computador e começa sua pesquisa em *sites* de pessoas desaparecidas, ciente de que pode dizer adeus ao sono.

Sozinho no escuro

Donald tem dificuldade para dormir naquela noite. Não apenas por causa das luzes brilhantes do abrigo ou do constante burburinho das pessoas. É o pesadelo recorrente que o faz ficar acordado, temendo o sono – como se pudesse afogar-se nele.

Mas a exaustão e os sonhos logo o vencem. Donald está de volta à sua pequena casa. Ele se esforça para ignorar os ventos do lado de fora da janela, embora não consiga se desligar do choro amedrontado de seu cachorrinho, um *chihuahua* chamado *Snow*. Ou dos sons agitados de sua mãe inquieta no quarto ao lado, incapaz de dormir por causa da tempestade.

Donald não quer que sua mãe fique aflita, mas, de certo modo, sente-se feliz em saber que ela está acordada. Significa que ele não está sozinho na escuridão – a única coisa que o incomoda. Embora já tenha 12 anos, até recentemente só conseguia adormecer se a mãe se deitasse ao seu lado.

De repente, há um estrondo. A janela da sala de estar é estilhaçada

por ventos de 200 quilômetros por hora. Troy corre até Donald e se senta na beira da cama dele, que se esforça para acalmá-la enquanto ela tenta consolá-lo. Abandonar a casa não é uma opção. Troy explica ao filho que está com medo de ir para o Superdome, e que eles não têm dinheiro para pagar um hotel. É melhor que fiquem onde estão.

Mas logo a água inunda a pequena casa. Marrom e fétida – diferente da água de chuva –, era algo que jamais tinham visto. Rapidamente, a água sobe da altura do tornozelo até o joelho. Donald olha pela janela. Na claridade do início da manhã, um aparelho de TV passa flutuando. Depois, um carro.

Ele grita para a mãe: “O que está acontecendo?”

Diante da insistência de Donald, mãe e filho abrem caminho pela água – agora à altura do peito – em direção à porta da frente. Donald coloca seu cachorro sobre uma almofada que flutua, enquanto atravessam com dificuldade a sala de estar, a água subindo à altura do queixo.

Mãe e filho lutam para se manter à tona. Em pânico, desesperada para se agarrar a qualquer coisa, Troy segura uma vara de pendurar cortina. Ela respira com dificuldade, gritando que não sabe nadar. Ao engolir água, vomita.

Donald grita: “Mãe! Agüente firme!”

Mas ele também quase não consegue respirar. E percebe que não tem escolha. Nos segundos que leva para abrir a boca e afundar nas águas, Donald toma a decisão de dizer adeus ao mundo. Quer que tudo aconteça rápido. E afunda. *Vou encontrá-la no céu*, diz a si mesmo. Os olhos ardem, os ouvidos entopem, as narinas e a boca se enchem. O som da tempestade desaparece...

Uma única saída

Ashley dá um bom-dia bem alto. É quinta-feira, 8 de setembro, e ela encontra Donald esperando-a na bancada logo de manhã cedo. O menino não sabe que ela ficou acordada a noite toda procurando por Troy. Nem que, no processo, Ashley descobriu que parentes dele tinham conseguido chegar a um abrigo no Alabama, o que dá a ela motivos para acreditar que a mãe de Donald também possa ser encontrada.

Ashley conta as novidades. Mas ele não parece animado. Desvia os olhos, ansiosamente roendo a pele do polegar. Ashley suspira. “Querido, eu divulguei as informações sobre Troy em cada ferramenta de busca, verifiquei e tornei a verificar os sites. E não desisti!” Donald concorda com a cabeça, como se aquilo fosse o fim da conversa, e retorna para seu refúgio: os desenhos.

Durante o dia, praticamente a única coisa que faz Donald levantar a cabeça são os anúncios pelos alto-falantes. Ele ouve cada um com atenção, antes de uma ponta de decepção insinuar-se em seu rosto. Ashley acredita que ele esteja esperando um anúncio do tipo: "Donald, venha ao Centro de Informações. Troy Expose está aqui procurando você." E quando isso não acontece, seu coração fica partido. Donald pára de desenhar toda vez que algum anúncio é feito.

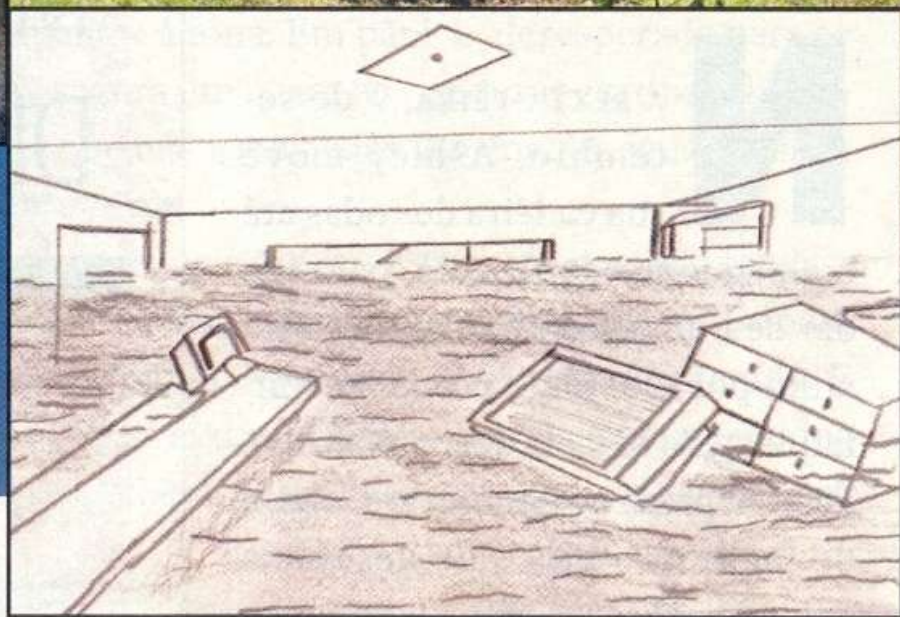
NA SEXTA-FEIRA, 9 de setembro, Ashley move sua cadeira de rodas até o alojamento de Donald, para lhe dar seu endereço e telefone. Está aflita por ele, teme perder o contato depois que ele deixar o abrigo. Fica surpresa ao encontrar Donald de joelhos, o bloco de desenhos apoiado sobre a cama. Ele trabalha intensamente, como se sua vida dependesse disso, sem parar nem mesmo para dizer um "oi".

Ao ver o desenho de Donald, Ashley quase perde o fôlego: a sala de uma casa - na verdade, um bangalô - com a janela da frente quebrada, a água subindo por toda parte.

- Era aqui que eu morava... Essa é a janela por onde eu saí - explica ele.



A única foto que restou de Donald e Troy. Acima, a casa deles depois do furacão, e como Donald desenhou os cômodos inundados.



Ashley olha o relógio. Cinco horas. Está atrasada para levar a filha a um jogo de futebol. Dividida, faz uma rápida ligação de seu celular para um vizinho. Um sussurro de culpa a lembra de que prometera a Steven que chegaria cedo em casa e descansaria um pouco. Mas não pode deixar Donald agora.

Ashley vê outra ilustração sobre a cama dele, e examina a imagem feita a lápis: telhados pontudos se projetando do que parece ser um lago. Há um pequeno barco cheio de pessoas que foram salvas e outras trabalhando no resgate, iluminando tudo com suas lanternas. Donald rabisca algo no papel, e Ashley consegue ler: “11:45 da noite, Nono Distrito.”

– Foi assim que você escapou... de barco? – pergunta Ashley.

Ele não responde de imediato. Mas então, sempre bem devagar, Donald

revela toda a história: o vento furioso, a janela quebrada, a água subindo, sua mãe se agarrando à vara da cortina. E ele afundando, para nunca mais voltar a ver a mãe.

Com um suspiro profundo, que vem do reconhecimento da verdade, Ashley senta-se de novo em sua cadeira. Cada pedacinho dela quer reverter o que aconteceu à mãe de Donald naquele dia – mas não há como.

– Querido – diz Ashley –, sua mãe estava se afogando.

Ele levanta os olhos para ela, quase zangado.

– Não, não! Você não sabe de nada!

Ashley se mantém quieta. O instinto a avisa para não dizer mais nada, apenas esperar que Donald continue. Mas seu autocontrole foi afetado. Um lábio trêmulo dá lugar a um soluço. Sem ruído. Apenas lágrimas. Ela não consegue mais se conter.

Um outro anúncio irrompe dos alto-falantes. Donald levanta a cabeça bruscamente, esticando-se todo para ouvir o nome da mãe, ainda esperançoso. Quando Ashley lhe dá a mão, ele não a deixa tocá-lo. E volta aos seus desenhos, concentrado, determinado a trazer à tona o restante da história.

“Na minha mente, eu vi a janela

quebrada. Acho que Deus estava me dando uma chance. Eu podia ficar lá e me afogar... ou chegar até a janela.”

Donald conta que não sabia nadar, mas que, de alguma forma, bateu as pernas até conseguir abrir caminho para fora, onde águas furiosas o puxaram da casa e o arrastaram rua abaixo. Ele passou por uma árvore e conseguiu agarrar-se a um galho. Lá, enroscado em si mesmo, cansado demais para pensar, sobreviveu à tempestade.

Quando os ventos se acalmaram, um pneu passou boiando, e Donald o agarrou e remou com as mãos de volta à sua casa. Ela já estava quase completamente submersa. Ele chamou pela mãe e por seu cachorro. Não houve resposta. Então subiu em um telhado próximo, onde se sentou, tremendo, descontrolado, a mente entorpecida. Ao cair da noite, helicópteros sobrevoaram os telhados, com holofotes iluminando a área abaixo. Mas horas se passaram, e ninguém veio resgatá-lo.

- Donald, você gritou por socorro? - pergunta Ashley.

- Não adiantava. O ar já estava cheio de pedidos de socorro. Bem perto e bem longe, só se ouvia gente gritando, berrando...

E isso, ele explica, é o que o seu desenho representa. Por volta da meia-noite, o barco mostrado no desenho levou Donald a uma ponte, onde ele aguardou por longo tempo, na esperança de que a mãe aparecesse. Ela não apareceu.

Donald passa o desenho para Ashley, mas evita que seus olhos se cruzem com os dela. Ela pode perceber, pela postura do menino, que ele está exausto. Mas ousa fazer mais uma pergunta:

- Como é que você conseguiu chegar até Houston?

Donald diz que seguiu uma família por vários quilômetros até o Superdome, em Nova Orleans, onde ficou durante três dias num calor de quase 40 graus, sem ar condicionado, sem comida, nem água. Em todo lugar, medo e sofrimento. Por fim, um ônibus chegou, e ele o pegou. Não importava para onde estivesse indo.

- Essa foi a única vez que eu saí de Louisiana - conta.

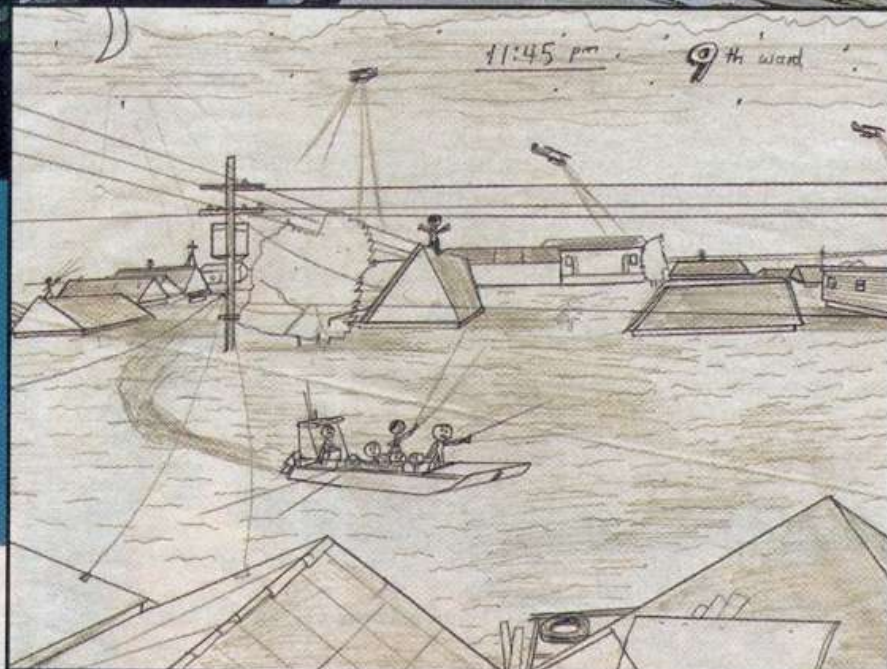
Ashley quer muito abraçá-lo, e lhe estende os braços.

- Donald, você tem de vir até aqui.

Ela agarra aquela criança magrinha, abraçando-a apertado, e sente uma lágrima cair em seu ombro, quando o menino se inclina sobre a cadeira de rodas. Com os braços em torno dele, Ashley murmura uma promessa - para



“11:45 da noite, Nono Distrito”. O desenho mostra como Donald ficou no telhado de casa, com frio, à espera de socorro.



Donald, e para ela própria – que, não importa o que o futuro reserve, não importam quais sejam as chances, ela fará tudo o que puder para protegê-lo.

Promessa de ajuda

Durante os meses de setembro e outubro, lutar por Donald tornou-se para Ashley um trabalho em tempo integral. Algum bem surgiu disso: Donald se juntou à sua tia Nicole, irmã de Troy, uma mulher generosa que imediatamente o acolheu como mais um integrante da família. Ela também perdera tudo no Katrina, e, no rastro do furacão, lutava para sustentar seus dois filhos, um dos quais sofre de autismo.

Foi necessária a ajuda da rede de amigos de Ashley para acomodar Donald e a família da tia em Dallas, onde ele por fim foi matriculado numa es-

cola. Mas agora Nicole tinha outra boca para alimentar. E as necessidades mais básicas de Donald – cuidados médicos e alimentação – pareciam impossíveis de suprir. O governo negou todas as solicitações de Ashley para receber tíquetes de alimentação e benefícios da Previdência Social, sob a alegação de que não havia provas de que a mãe de Donald estivesse morta.

Pelo mesmo motivo, Nicole não conseguia autorização para ter a guarda legal do sobrinho. Donald, no entanto, não estava em idade que lhe permitisse ter voz ativa, falar sobre as coisas de que precisava e que deveria estar habilitado a receber.

Ashley ficou fora de si. Como conseguiria provar que Troy morrera, se seu corpo não podia ser encontrado? No circo da mídia que se montou depois do Katrina, políticos inundaram Ashley com falsas promessas de ajuda. Mas logo as câmeras do noticiário foram desligadas, o cansaço com o assunto tomou conta de tudo, e os funcionários federais e estaduais negaram quando Ashley solicitou ajuda.

Ela não desistiu. Talvez porque soubesse, pelas próprias batalhas em relação à saúde, que uma guerra só é ganha quando você luta todas as batalhas. Mas cada recusa era uma confirmação de que Donald poderia facilmente se perder – algo que ela receava já estar acontecendo.

DURANTE NOVEMBRO E DEZEMBRO, houve uma série de dolorosas pistas falsas sobre Troy, incluindo relatos da identificação de seu corpo. Ashley percebeu Donald caindo numa espiral de depressão. Ele lutava contra o estresse pós-traumático, a tristeza e a incapacidade de acompanhar os estudos. O conselheiro educacional alertou sobre o fato de ele não conseguir aceitar totalmente a morte da mãe.

Perto do Natal, Ashley descobre que não pode dar de presente a Donald o que mais o ajudaria: um desfecho. Ele estava lutando para aceitar sua vida sem a mãe, motivo pelo qual Ashley quase chorou quando ele perguntou: “Você acha que minha mãe não tentou de verdade, *pra valer...* Você sabe... para que eu pudesse ter uma vida melhor?”

Ashley se questionou: *Como pode uma criança fazer tal pergunta? Será a culpa por ter sobrevivido? Será que Donald precisa acreditar que houve uma razão para a mãe ter morrido, a fim de que, só então, possa continuar a viver a própria vida?*

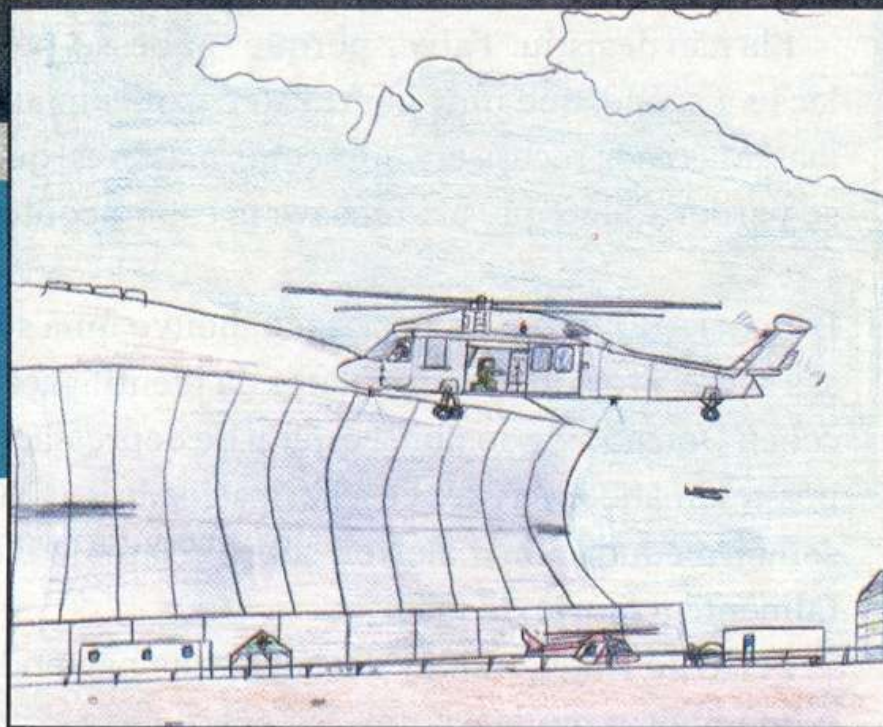
Ela sabe que o destino de Donald teria sido bem diferente se ele tivesse



O Superdome, onde Donald ficou por três dias num calor de quase 40 graus. Os desenhos, diz ele, "surgem na mente".

ficado na empobrecida parte baixa do Nono Distrito de Nova Orleans – às vezes chamada “capital dos assassinatos” nos Estados Unidos. Violência e drogas permeavam o bairro. Pessoas da própria família de Donald foram presas por posse ilegal de armas ou drogas. E Donald acreditava que estava destinado a seguir esse exemplo. “É como se o Katrina tivesse feito algo de bom e algo de ruim. Ele me colocou no caminho certo. Só que tirou de mim algo realmente especial”, diz ele.

No início da primavera de 2006, após seis meses lutando incansavelmente no que parecia uma batalha impossível, Ashley começou a ver os



dividendos de seu esforço. Ela obteve a atenção do vice-governador da Louisiana, Mitch Landrieu, que a ajudou a arranjar uma consultoria jurídica gratuita. Os advogados conseguiram que a tia de Donald se tornasse sua guardiã oficial. Donald estava finalmente habilitado à assistência médica de que precisava.

E então, um momento decisivo: Donald fora aceito em uma escola pública de primeira linha, com um programa diferenciado, pelo mérito da força e do talento de seus desenhos, incluindo duas ilustrações extraordinariamente diferentes de tudo o que ele já fizera antes: um tranqüilo farol e uma igreja do interior. Ashley acredita que as ilustrações de Donald representam mais do que cenas bucólicas. Elas oferecem uma janela para sua paisagem interna, uma paz interior recém-conquistada.

No verão, Donald se formou na 6ª série. Ashley reuniu doações suficientes para que ele participasse do programa de verão afro-americano mais antigo do país, o Acampamento Atwater, em Massachusetts. Ashley tinha esperanças de que lá Donald encontraria algo que ainda estava para descobrir: orgulho de suas tradições e, com isso, maior auto-estima.

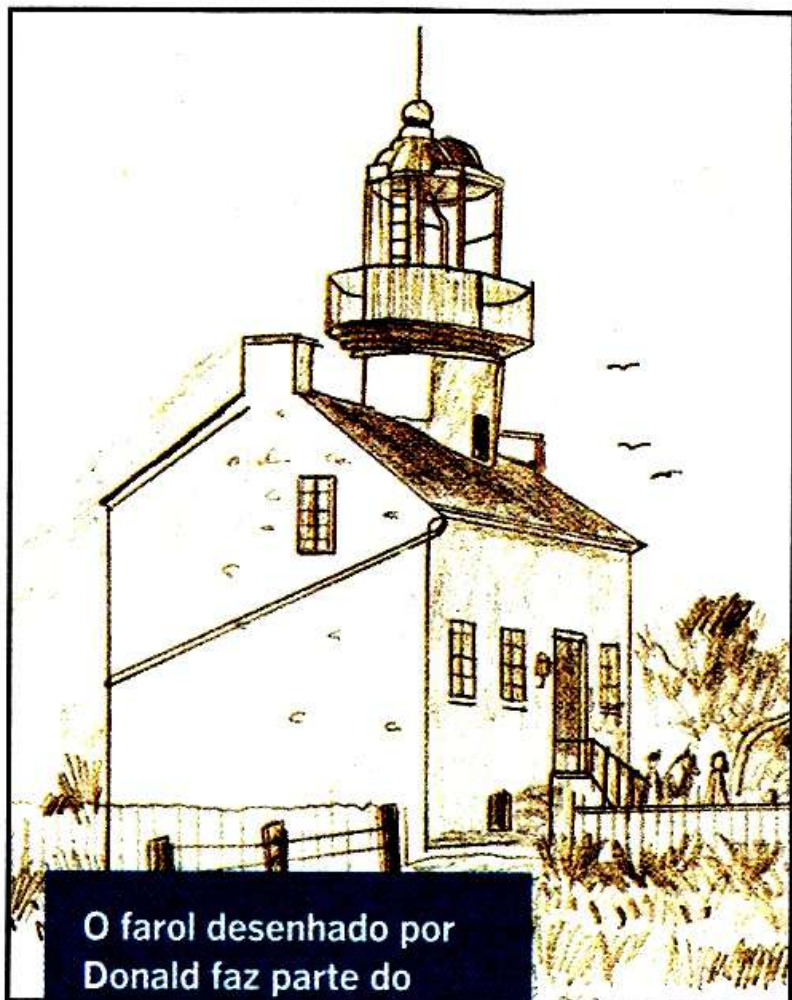
Depois da tempestade

Nem sempre é fácil permitir a uma criança que voe com as próprias asas. Ashley descobriu isso da forma mais difícil, enquanto julho virava agosto, com pouco mais de três postais de Donald enviados do acampamento. Ela sentia falta dele.

Mas Ashley tinha um consolo. Afinal, falta de notícias certamente é uma boa notícia. Ela lembrava a si mesma que, depois da tempestade, provavelmente Donald às vezes pensara que jamais voltaria a ser feliz. Agora, ele estava em um lugar que podia ser descrito como um paraíso para crianças, um ambiente onde os dias eram preenchidos com atividades e amigos. Ela sorriu diante da imagem que tinha de Donald: um garoto que nunca deixara Nova Orleans, abraçando um mundo inteiramente novo.

Por fim, chegou o Dia do Trabalho. Os meteorologistas previam um fim de semana ameno e úmido. Mas Ashley não reparou na chuva. Estava concentrada apenas em dirigir até Dallas, onde se encontraria com Donald depois de tantos meses afastados. Estacionou o carro junto ao meio-fio, ao lado da casa, sentindo um misto de excitação e curiosidade.

De repente, como um potro saltando de seu cercado, Donald vem cor-



O farol desenhado por Donald faz parte do currículo que o ajudou a ser admitido numa escola de ponta.

rendo da casa e pula o muro de tijolos. Vai até o carro, até Ashley, e se atira dentro de um amplo abraço.

É um Donald diferente que se aninha em seus braços. Ele cresceu. Mas não apenas na altura. É seu porte, seu sorriso luminoso, sua autoconfiança. Ele não consegue parar de falar: “Eu fui pescar! E nadar! E não é só isso, eu ganhei um prêmio! O de mais bem-comportado do acampamento!”

Dessa vez, Ashley é quem fica em silêncio. Tomada por um orgulho maternal, ela olha

fundo nos olhos de Donald e descobre uma centelha que reconhece como um aspecto dela própria – a dignidade que vem quando

se triunfa contra a adversidade, o auto-respeito de que Donald precisará para sobreviver.

GATO POR LEBRE

Um zoológico na China foi acusado de pintar listras num cavalo e depois anunciar que era uma zebra. Os visitantes do Jardim Botânico e Zoológico de Changchun tinham de pagar cerca de 60 centavos de dólar para tirar uma foto com o animal.

Mas as dúvidas começaram quando um visitante perguntou se o bicho era legítimo. O zelador então respondeu:

– Se veio da África seria o quê, senão uma zebra?

Mais tarde, um porta-voz do zoológico acabou anunciando que o importante não era o fato de o animal ser uma zebra de verdade ou não, e justificou que aquilo foi feito de brincadeira.

Por via das dúvidas, o serviço de cobrança pelas fotos foi suspenso...